

Phrasal verbs*, composicionalidade e idiomática: um estudo de caso

Phrasal verbs, compositionality and idiomaticity: a case study

Natália Regina da Silva¹

Sandra Aparecida Faria de Almeida²

Resumo: Este trabalho aborda os *phrasal verbs* à luz da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 2008), no que tange a aspectos metonímicos e metafóricos (LAKOFF; JOHNSON, 1980). As noções de composicionalidade (FILLMORE, 1979; GOLDBERG, 1995, 2006; LANGACKER, 2008) e metaforicidade (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF; TURNER, 1989) são analisadas com base nos dados coletados de um corpus de inglês americano (COCA, 2017). Demonstramos que alguns PVs retêm o significado de suas partes, enquanto outros PVs exibem significados que envolvem extensão semântica (GOLDBERG, 1995, 2006) por meio de projeções entre esquemas imagéticos (JOHNSON, 1987), integrando mais de uma ação ou evento, que só podem ser compreendidas em uma perspectiva discursiva e (inter)subjativa (TRAUGOTT; DASHER, 2005).

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Metáfora Conceptual. *Phrasal verbs*.

Abstract: This paper analyzes phrasal verbs within the theoretical framework of Cognitive Linguistics (LANGACKER, 2008) regarding the metonymic and metaphorical aspects of these constructions. Compositionality (FILLMORE, 1979; GOLDBERG, 1995, 2006; LANGACKER, 2008), and metaphoricity (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF; TURNER, 1989) are discussed in view of the data collected from an American English corpus (COCA, 2017). We aim to illustrate that some PVs retain the individual meanings of their parts, whereas others convey meanings that involve semantic extension (GOLDBERG, 1995, 2006) by means of image schemas projections (JOHNSON, 1987), integrating more than one action or event, which can only be understood through a discursive and (inter)subjective perspective (TRAUGOTT; DASHER, 2005).

Keywords: Cognitive Linguistics. Conceptual Metaphor. Phrasal verbs.

Introdução

Apesar de haver discordâncias no que diz respeito à delimitação dos chamados *phrasal verbs* da língua inglesa, os gramáticos Quirk e Greenbaum (1973) entendem que os *phrasal verbs*, assim como os *phrasal-prepositional verbs* e os verbos preposicionados, formam a categoria dos chamados *multi-word verbs*, por serem compostos por um verbo principal seguido

* Este artigo é produto de uma dissertação de Mestrado.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Juiz de Fora, MG, Brasil. Endereço eletrônico: nataliainhan@gmail.com.

² Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Juiz de Fora, MG, Brasil. Endereço eletrônico: sandra.sf@gmail.com.

de uma ou mais partículas, como vemos a seguir. Neste trabalho, nos deteremos apenas à caracterização de *phrasal verbs*:

(1) The children were sitting down.

(2) Drink up (your milk) quickly.

Segundo os autores, a maioria das partículas são ou funcionam como advérbios de lugar. Além disso, eles destacam que, geralmente, a partícula não pode ser separada do verbo, embora isso possa acontecer caso elas sejam usadas como intensificadores ou perfectivos, ou caso se refiram à direção, como, por exemplo, na sentença *Go right on*. Dessa maneira, é possível argumentar que os PVs podem assumir usos mais ancorados em esquemas imagéticos e metafóricos (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF & TURNER, 1989): se a partícula desempenha a função de intensificador, ela aumenta a quantidade ou a qualidade de alguma coisa, como demonstram, por exemplo, os PVs *go up*, quando em relação ao aumento de preços, e *pick up*, quando em relação ao aumento da força dos ventos; por outro lado, se ela desempenha a função de perfectivo, a perfectividade está relacionada a uma ação ou a um evento a ser realizado em sua totalidade ou completude, como seria o caso, por exemplo, dos PVs *shut up* e *eat up*.

Como ainda demonstram os autores, a preservação do sentido individual do verbo e da partícula é variável dentre os diferentes PVs. No caso dos PVs *come down* e *look up*, por exemplo, que, em determinados contextos, significam, respectivamente, “descer” e “olhar para cima”, o sentido individual das partes é preservado. Em construções como *give in* (“render-se”), *catch on* (“entender”) e *turn up* (“aparecer”), fica claro que o sentido da combinação verbo + partícula não pode ser previsto a partir dos sentidos isolados das partes que compõem o *phrasal verb*. Iremos argumentar, então, neste artigo, que os significados não composicionais, mais opacos, dessas construções só podem ser recuperados por meio de processos de extensão semântica (GOLDBERG, 1995, 2006)³, mapeados nas relações entre esquemas imagéticos, sejam por processos metonímicos ou metafóricos.

Leech e Svartvik (1975), por sua vez, argumentam que a maioria dos PVs é informal. Além disso, apontam para o fato de que, em alguns casos, PVs com objetos parecem ser similares a verbos seguidos de um sintagma preposicional, como vemos nos exemplos abaixo (LEECH; SVARTVIK, 1975, p. 264, grifo nosso):

(3) They ran over the bridge (= ‘crossed the bridge by running’). (verbo + preposição)

³ Segundo Goldberg (1995, 2006), a natureza das relações semânticas entre um sentido específico de uma construção e quaisquer extensões dele são capturadas por laços de polissemia. Por outro lado, quando duas construções se relacionam por meio de um mapeamento metafórico, evidenciam-se laços de extensão metafórica.

(4) They ran over the cat (= ‘knocked down and passed over’). (phrasal verb)

Com base nos exemplos acima, notamos que, diferentemente dos verbos preposicionados, os PVs podem integrar mais de um sentido ou ação: na primeira sentença apresentada, percebe-se que *run over*, como verbo preposicionado, exprime uma ideia de movimento ao longo da ponte, enquanto na segunda sentença, o PV em questão exibe essa mesma ideia de movimento associada à ideia de contato, o que resulta no atropelamento do animal, integrando, assim, mais de uma ação ao sentido da construção.

No que tange à idiomaticidade, Tagnin (2005) explica que quando o que é tido como convenção passa para o nível do significado, há a presença da idiomaticidade. Uma expressão é tida como idiomática quando seu significado não é transparente, ou seja, quando a soma do significado de cada uma de suas partes componentes não corresponde ao significado da expressão em sua totalidade. A autora conclui, dessa forma, que toda expressão idiomática é convencional, mas nem toda expressão convencional é idiomática.

A partir do que foi exposto acima, com base na visão da gramática tradicional, podemos perceber que as construções abordadas neste trabalho podem apresentar tanto sentidos mais básicos e literais, que podem ser recuperados pela soma de suas partes, quanto sentidos mais idiomáticos e metafóricos, que, conseqüentemente, não podem ser recuperados pela soma de suas partes. Pierozan (2015), nesse sentido, afirma que

[...] seus sentidos podem ser analisados como tendo diferentes graus de composicionalidade e idiomaticidade, os quais podem ser percebidos por uma escala que, de um lado, é representada por um nível mais composicional, de sentidos mais prototípicos e, do outro, um nível mais idiomático. Isso acontece porque a contribuição dos elementos que constituem os PVs ocorre em diferentes níveis. (PIEROZAN, 2015, p. 23)

Iremos argumentar, então, que os sentidos das combinações de PVs, em seus diferentes níveis de composicionalidade e idiomaticidade, formam um *continuum*, no qual sentidos mais prototípicos e composicionais se situam em um pólo de maior ancoragem dêitica (espacial e/ou temporal), e sentidos mais idiomáticos e menos composicionais se situam em um pólo de menor ancoragem dêitica, sendo mais dependentes de inferências por parte dos participantes da cena comunicativa, isto é, falante e ouvinte – em uma perspectiva (inter)subjativa (TRAUGOTT; DASHER, 2005) – calcadas em processos metonímicos e metafóricos.

Na tentativa de mapear a relação entre a forma e o significado linguístico dessas construções, iremos, na próxima seção, nos apoiar na Gramática das Construções que, em suas diferentes abordagens, reconhece as estruturas linguísticas como pareamentos entre forma e significado/função, conforme apresentado a seguir.

A Gramática das Construções

Para a Gramática das Construções (FILLMORE; KAY, 1999; GOLDBERG, 1996, 2005; LANGACKER, 2008), expressões linguísticas, sejam elas mais simples ou mais complexas, “constituem unidades simbólicas baseadas em correspondências entre forma e significado” (FERRARI, 2016, p. 129). Tal visão se apoia, dentre outros autores, no trabalho de Goldberg (1995, 2006) que postula serem as sentenças básicas da língua *construções* – pareamentos convencionalizados de forma e significado - que existem independentemente de verbos específicos. Em uma obra posterior, a autora postula que “qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto de sua forma ou de sua função não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou de outras construções reconhecidamente existentes”⁴ (2006, p. 5).

Em *The What's X Doing Y? Construction*, Fillmore e Kay (1999) argumentam que tanto amostras de dados relativamente mais genéricas de uma língua quanto amostras altamente idiomáticas devem ser consideradas igualmente analisáveis à luz da gramática, que deve ser capaz de representar e descrever todo e qualquer tipo de construção gramatical, independentemente de seu grau de generalidade ou idiomaticidade. Os linguistas demonstram que o significado da construção WXDY está associado à totalidade de sua estrutura, e não a nenhum dos itens lexicais componentes em particular, indicando, assim, que a construção é um pareamento de forma e significado que pode apresentar muito mais do que um mero sentido composicional (FILLMORE; KAY, 1999).

É nesse sentido que a abordagem denominada Gramática das Construções, em seus diferentes modelos, atribui papel central às construções como sendo (i) organizadas ao longo de redes, (ii) convencionalizadas por serem compartilhadas por um grupo de falantes, e (iii) simbólicas pelo fato de serem signos, isto é, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado (VAN TRIJP, 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2014).

Em termos de composicionalidade, ponto central de nossa investigação, ALMEIDA (2010) aponta para o fato de que a perspectiva construcional reconhece o papel da composicionalidade em nível de construção e que “há que se observar a contribuição da construção para a criação de significado, que pode convergir ou divergir dos significados oferecidos pelos constituintes” (ALMEIDA, 2010, p. 24).

A fim de compreender os processos metonímicos e metafóricos envolvidos na rede conceptual de PVs, iremos discutir, a seguir, o conceito de metáfora, central para nossa análise.

⁴ Texto original: Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist”.

A visão cognitivista de metáfora

Para a semântica cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF; TURNER, 1989), metáforas desempenham um papel central tanto em relação ao pensamento quanto em relação à linguagem, deixando, assim, de ser apenas “acessórios” a serem adicionados à língua de modo a embelezá-la, tal como propunha a perspectiva clássica de metáfora. Na perspectiva cognitivista, metáforas não só são vistas como integrantes da linguagem e do pensamento, mas também como um meio de experienciar o mundo (LAKOFF; JOHNSON, 1980). De acordo com Lakoff e Turner (1989), as metáforas são tão costumeiras que seu uso acontece de maneira inconsciente e automática, sem que ninguém perceba. De forma semelhante, Johnson (1987) reconhece que também a metonímia está ancorada em nossa experiência e estrutura não só nossa linguagem, como também nossos pensamentos, atitudes e ações.

Lakoff e Johnson (1980) propõem a Teoria da Metáfora Conceptual, segundo a qual “nosso sistema conceptual ordinário, a partir do qual pensamos e agimos, é basicamente metafórico por natureza” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 3, tradução nossa)⁵.

Um dos principais conceitos da Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980) é o conceito de domínio, uma vez que podemos associar diferentes metáforas a diferentes modos de compreender fenômenos particulares no mundo, como, por exemplo, quando dizemos que uma pessoa é fria ou calorosa, fazendo, dessa forma, uma associação entre afeto e temperatura, que pode ser entendida como uma projeção metafórica partindo de um domínio concreto (temperatura) em direção a um domínio abstrato (afeto) (FERRARI, 2016).

[...] a metáfora é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. Sendo assim, para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo. O domínio-fonte envolve propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência, enquanto o domínio-alvo tende a ser mais abstrato. (FERRARI, 2016, p. 92)

Conforme discutem Lakoff e Turner (1989), para que se compreenda um domínio-alvo em termos de um domínio-fonte, é preciso ter um conhecimento apropriado deste último. Tomando como exemplo a metáfora conceptual VIDA É VIAGEM, os autores mostram que nosso entendimento da vida como sendo uma viagem é baseado em nosso conhecimento acerca de viagens, nas quais estão envolvidos viajantes, caminhos percorridos, pontos de origem, lugares

⁵ Texto original: “Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature”.

visitados, destinos (ou a falta deles), entre outros. Logo, para entender a relação entre vida e viagem, é preciso fazer a correspondência, consciente ou, mais provavelmente, inconsciente, entre o viajante e a pessoa vivendo a vida, a estrada viajada e o “percurso” da vida, o ponto de origem da viagem e o nascimento da pessoa em questão, e assim por diante. Essa correspondência é feita por meio de dois elementos: a estrutura do nosso conhecimento acerca de viagens e a nossa capacidade de mapear uma concepção de vida a partir desse conhecimento estruturado (LAKOFF; TURNER, 1989), o qual os autores vão chamar de “esquema”. São esses esquemas conceituais que organizam o nosso conhecimento.

Assim sendo, nós entendemos e raciocinamos fazendo uso de nosso sistema conceptual, que inclui uma gama de estruturas, dentre as quais estão os esquemas e as metáforas. Uma vez que aprendemos um esquema e uma metáfora conceptual, ambos se tornam convencionalizados, o que faz com que seus usos se tornem automáticos, inconscientes e constantes.

Existem, ainda, as metáforas chamadas orientacionais, que dão uma orientação espacial a um dado conceito (LAKOFF; JOHNSON, 1980). A maioria dessas metáforas está relacionada a orientações espaciais: *up-down*, *in-out*, *front-back*, *on-off*, *deep-shallow*, *central-peripheral*. Lakoff e Johnson (1980) citam, como exemplo, a metáfora FELICIDADE É PARA CIMA, que leva a expressões do tipo “Estou me sentindo para cima hoje” (em inglês, “*I’m feeling up today*”), associando a noção de felicidade à posição ereta do corpo humano.

Destacam também que as orientações metafóricas não são arbitrárias, pois são fundamentadas em nossas experiências físicas e culturais. Desse modo, metáforas orientacionais podem variar de cultura para cultura. Ao buscar compreender os processos metonímicos e metafóricos que permeiam nosso pensamento e nossa linguagem, faz-se necessário identificar os esquemas imagéticos que dão suporte a tais processos, como veremos a seguir.

Esquemas Imagéticos

Os chamados esquemas imagéticos, de acordo com Lakoff (1987), a partir de estudos desenvolvidos previamente por Mark Johnson (1987), são estruturas de conhecimento que emergem diretamente de nossas experiências corporais pré-conceptuais, sendo, então, representações de experiências corporais em nossa interação com o mundo no qual nos encontramos, sejam essas experiências sensoriais ou perceptuais.

De acordo com Lakoff e Turner (1989), quando entendemos uma cena, nós naturalmente a estruturamos em termos de esquemas imagéticos elementares. Esses esquemas imagéticos

podem ser usados para estruturar tanto cenas físicas quanto domínios abstratos. Nesse sentido, preposições são os meios que a língua inglesa possui para expressar relações espaciais esquemáticas. Logo, o fato de que muitas metáforas permitem a compreensão de conceitos abstratos em termos de objetos físicos e relações espaciais nos possibilita utilizar esses esquemas imagéticos elementares de modo a estruturar domínios abstratos (LAKOFF & TURNER, 1989).

Em relação à orientação metafórica UP-DOWN, foco do estudo desenvolvido neste trabalho, podemos associá-la mais especificamente ao esquema imagético de mesmo nome, baseado na experiência perceptual ancorada no corpo, uma vez que nós, seres humanos, além de andarmos com o corpo em posição vertical, ereta, temos a cabeça acima do tronco e os pés como base (FERRARI, 2016).

Tal como salientado por Lakoff (1987), esquemas imagéticos fornecem evidências relevantes para sustentar a tese de que nosso raciocínio abstrato se baseia em nossas experiências corporais e decorre de projeções metafóricas partindo de um domínio concreto, de propriedades físicas, para um domínio abstrato. Isso implica dizer que “existem metáforas que mapeiam esquemas imagéticos em domínios abstratos, preservando sua lógica básica” e que “metáforas não são arbitrárias, mas sim motivadas por estruturas inerentes a experiências corporais cotidianas” (LAKOFF, 1987, p. 275, tradução nossa)⁶. A ponte entre metáforas e esquemas imagéticos deriva, dessa maneira, da ideia de que metáforas permitiriam que estruturas mais concretas e bem definidas de um domínio-fonte fossem projetadas para um domínio-alvo, de modo a estruturá-lo.

Para exemplificar esse processo de projeção metafórica, Lakoff (1987, p. 276) faz uso da noção de MORE IS UP; LESS IS DOWN, isto é, mais é para cima, menos é para baixo, com os seguintes exemplos (traduzidos aqui por nós)⁷:

- (5) A taxa de criminalidade continua *subindo*.
- (6) O número de livros publicados a cada ano continua *umentando*.
- (7) Aquelas ações *caíram* novamente.

Nas sentenças acima, temos verticalidade como domínio-fonte e quantidade como domínio-alvo. Para exercer a função de domínio-fonte para dada metáfora, um domínio deve, em primeiro lugar, ser compreendido de maneira independente da metáfora em si, como é o

⁶ Texto original: “There are metaphors mapping image schemas into abstract domains, preserving their basic logic.” e “The metaphors are not arbitrary but are themselves motivated by structures inhering in everyday bodily experience”.

⁷ Texto original: “The crime rate keeps *rising*. The number of books published each year keeps going *up*. That stock has *fallen* again.”

caso da noção de verticalidade, que é entendida primariamente, sem menção a metáforas, já que o esquema imagético CIMA-BAIXO estrutura todo o nosso funcionamento no que tange à gravidade (LAKOFF, 1987).

É importante destacar, no entanto, que apesar de muitas correlações estruturais em nossas experiências motivarem metáforas, nem todas o fazem. Quando há essa motivação, as metáforas parecem ser naturais, exatamente pelo fato de o pareamento entre o domínio-fonte e o domínio-alvo ser motivado por experiências, assim como os detalhes do mapeamento, como articulado por Lakoff (1987).

Metodologia

De modo a observar e analisar o comportamento de PVs em contextos reais de uso da língua inglesa, a metodologia desta investigação é pautada na Linguística de Corpus (TAGNIN, 2002; BERBER SARDINHA, 2000; McENERY; HARDIE, 2012), que se ocupa “da coleta e exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística” (BERBER SARDINHA, 2000, p. 325). O corpus de estudo escolhido para ser utilizado em nossa análise de dados foi o COCA (*Corpus of Contemporary American English*), o maior corpus de língua inglesa disponível gratuitamente e o único corpus balanceado do inglês americano⁸.

Para a presente investigação, e por uma questão de espaço, serão colocados em relevo os PVs *come up*, que instancia a construção *[V+ up]*, e *put down*, que instancia a construção *[V+ down]*. Os referidos PVs acusam, respectivamente, 42.594 e 7.005 entradas na lista de ocorrências do COCA⁹. É importante destacar que esses números dizem respeito apenas às ocorrências em que o verbo aparece em sua forma não flexionada¹⁰.

Análise de dados

Iremos iniciar a análise propriamente dita com a construção *[V + up]*, aqui instanciada pelo PV *come up*.

⁸ Criado em 1990 por Mark Davies, o COCA é composto por mais de 1 bilhão de palavras, a adição mais recente de textos tendo sido finalizada em março de 2020.

⁹ Último acesso em 20/05/2020.

¹⁰ A forma não flexionada corresponde, além da forma infinitiva, às formas perfectiva e participial dos verbos irregulares.

A construção [V + up]:

De acordo com o dicionário *Oxford Phrasal Verbs Dictionary for Learners of English* (2006), *come up* e suas variações têm as seguintes acepções: 1) viajar de um lugar em direção a outro (geralmente de um lugar menor para um maior, ou em direção ao norte); 2) ir falar com alguém; 3) crescer/aparecer; 4) sol/lua: aparecer; 5) subir para a superfície (da água ou de outro líquido); 6) acontecer/aparecer (geralmente quando menos se espera); 7) acontecer em breve/ficar pronto em breve/aparecer em breve; 8) ser mencionado; 9) ser julgado em corte; 10) ganhar prêmio com bilhete de jogo; 11) aparecer em telas eletrônicas; 12) tornar-se; 13) ir para a universidade; 14) alcançar um nível mais alto; 15) sentir os efeitos de uma droga; 16) mover algo de uma posição/lugar inferior para uma superior.

Vejamos um primeiro exemplo do PV *come up*, tal como retirado do COCA, copiado e colado em tabela para melhor visualização:

Quadro 1 – Análise de dados -*come up* (1)

INFORMAÇÕES GERAIS	CONTEXTO EXPANDIDO
Date: 2017 (17-08-20) Title: On eve of solar eclipse, Oregon waits and wonders Source: NEWS: OregonLive.com	Jorge Torres, from Guadalajara, Mexico, arrived at the Northeast Salem Fred Meyer with his family of six on Sunday afternoon just minutes after the last pair of eclipse glasses had been snatched up. He said the family decided to <i>come up</i> to Oregon this weekend to experience the spectacle.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Neste trecho, que trata de um eclipse solar que pôde ser visto no estado norte-americano do Oregon em 2017, vemos que uma família mexicana viajou de Guadalajara até a cidade de Salem, capital do Oregon, para presenciar o fenômeno. Aqui, *come up* tem a primeira acepção trazida pelo dicionário, a de “viajar de um lugar em direção a outro (geralmente de um lugar menor para um maior, ou em direção ao norte)”. Uma vez que, em termos geográficos, os Estados Unidos ficam ao norte do México, ou seja, mais “acima”, podemos dizer que a composicionalidade se faz mais proeminentemente presente no sentido de *come up* no contexto em questão – o verbo *come*, por si só, já demonstra deslocamento, movimento, com sua acepção de “vir”, e a partícula *up*, em um de seus sentidos mais básicos e prototípicos (de ancoragem dêitico-espacial), já exprime a ideia de “mais alto”, “mais acima”, “para cima”.

Dessa forma, argumentamos que esse sentido da construção está mais próximo de ser um sentido mais concretamente entendido, a partir de pistas contextuais dêiticas, que ancoram a construção em um dado tempo "*Sunday afternoon*" e espaço "*Oregon*". A partícula *up*, por sua vez, indica a projeção entre os domínios conceptuais da horizontalidade e verticalidade, isto é, à medida que se avança, em uma plano concreto, em direção ao estado do Oregon, localizado

ao norte, avança-se também em direção a um ponto de referência que se localiza “mais para cima”, em uma escala ou trajetória vertical que só pode ser concebida em termos relativamente abstratos, apoiando-se, dessa forma, nos esquemas imagéticos de ESCALA – em termos de trajetória – e de ESPAÇO CIMA-BAIXO, considerando o sentido de viajar a ou visitar um lugar mais ao Norte de onde o interlocutor se encontra. Logo, tal ocorrência do PV *come up* estaria localizada no extremo de sentidos mais composicionais do *continuum*.

Analisemos, agora, a próxima ocorrência de *come up*:

Quadro 2 – Análise de dados -*come up* (2)

INFORMAÇÕES GERAIS	CONTEXTO EXPANDIDO
Date: 2017 (17-09-25) Title: Civil War buffs are in the line of fire Source: NEWS: The Boston Globe	At two recent events, at Marshfield Fair and at Fort Adams Park in Newport, R.I., the talk among reenactors is relentlessly apolitical -- at least, when it comes to 21st-century politics. They discuss everything from military tactics and logistics to the correct way to build a bonfire. The politicians most likely to <i>come up</i> in conversation are Abraham Lincoln and Jefferson Davis.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Nesta passagem, vemos que o PV *come up* tem o sentido de “ser mencionado”, já que, no contexto da amostra de texto acima, os políticos norte-americanos mais prováveis de terem seus nomes mencionados em conversas são Abraham Lincoln e Jefferson Davis. Se levarmos em conta que tais nomes, ao serem mencionados, aparecem simbolicamente nas conversas, podemos dizer que o sentido mais básico da construção *come up* é, até certo ponto, preservado aqui, embora haja também uma relação metonímica PARTE PELO TODO subjacente – do nome pela pessoa referida – caracterizando novamente uma projeção entre elementos de um mesmo domínio, já que não são Abraham Lincoln e Jefferson Davis, enquanto pessoas (domínio-fonte), que aparecem nas conversas, mas sim seus nomes (mapeados no domínio-alvo), licenciando a metáfora IDEIAS SÃO OBJETOS, que se apoia nos esquemas imagéticos de ESPAÇO CIMA-BAIXO, de ESCALA, em termos de trajetória e também de CONTÊINER, em termos de superfície.

Tendo em vista o contexto da ocorrência acima, vemos, mais uma vez, que o caráter de *come up* não é inteiramente composicional, mesmo que o sentido da construção até possa ser recuperado por meio da decomposição das partes componentes. Assim, o sentido do PV tal como discutido acima também ocuparia uma posição mais afastada da extremidade composicional do *continuum* entre composicionalidade e idiomaticidade.

No exemplo abaixo, temos mais uma ocorrência de *come up*, em que, novamente, a construção assume um sentido não estritamente composicional:

Quadro 3 – Análise de dados *-come up* (3)

INFORMAÇÕES	CONTEXTO EXPANDIDO
<p>Gênero: SPOKEN Data: 2017 (17-12-01) Título: U.S. Diplomatic Difficulties; Pope's Rohingya Challenge; U.S. President To Meet Libyan PM At White House Friday; Catastrophic Human Suffering After Years Of War; South Korea: North Korean Missile Can Fonte: CNN NEWSROOM 1:00 AM EST</p>	<p>(...) As you mentioned, it's not only humanitarian supplies that are urgently needed but also commercial supplies that are urgently needed but also commercial supplies need to come in, particularly food, particularly fuel and medicine. So, one of the biggest concerns for us for the moment is to help ensuring that people have access to drinking water. The outbreak of cholera affecting close to a million people already today is to a big extent caused by the lack of access to safe water. People need to pump groundwater and therefore need fuel. The price of fuel has <i>come up</i> dramatically in certain places for the moment in Yemen.</p>

Fonte: elaborado pelas autoras.

No contexto da ocorrência acima, *come up* tem o sentido de alcançar determinada posição ou nível, como elencado anteriormente a partir de nossas pesquisas nos dicionários consultados para este trabalho. Assim, com base no inventário de esquemas imagéticos proposto por Croft e Cruse (2004), associamos tal sentido da construção também aos esquemas de ESCALA, em termos de trajetória, e de ESPAÇO CIMA-BAIXO, já que, em se tratando de preço do combustível, é natural pensar em uma escala de variação numérica para cima e/ou para baixo.

Nesse sentido, a metáfora orientacional MAIS ESTÁ PARA CIMA, tal como definida por Lakoff e Johnson (1980), se faz presente na construção do sentido do PV *come up* no contexto em questão, uma vez que o preço do combustível sobe à medida que adições de valor ao montante inicial vão ocorrendo.

Em comparação com o primeiro exemplo discutido, nesse caso o uso da construção *come up* tem uma interpretação mais metafórica, visto que o “movimento” não se dá em uma escala espaço-temporal, deitivamente ancorada, mas em uma “escala” de preços, (re)construída subjetivamente por um conceptualizador. O movimento de preços é capturado pela metáfora orientacional MAIS ESTÁ PARA CIMA, com base nos esquemas imagéticos de ESPAÇO CIMA-BAIXO e de ESCALA, ativando-se, como domínio-fonte, a verticalidade do espaço físico, concebido de forma objetiva, em que objetos são situados em determinados pontos ou lugares ao longo de um eixo. Por sua vez, no domínio-alvo de quantidade, temos aqui a ativação do *frame* (FILLMORE, 1982) ou domínio (LANGACKER, 2008) ou MCI (LAKOFF, 1987) de combustíveis, em que “preços” é um dos elementos componentes desse *frame* (EF), que assume proeminência na cena descrita.

Além disso, com base nos estudos de Rudzka-Ostyn (2003), a partícula *up*, nesse caso, contribui para o sentido do todo ao indicar movimento para um valor superior. O deslocamento propriamente dito também pode ser resgatado por meio da presença do verbo *come* na

construção. Dessa forma, apesar de exibir traços de composicionalidade, o PV *come up* não se comporta de maneira totalmente composicional, já que há projeção metafórica entre os domínios da quantidade (domínio-alvo) e da verticalidade (domínio- fonte) na leitura de seu sentido.

Vejamos outra ocorrência de *come up* extraída da base de dados COCA, em que a construção exibe características não-composicionais:

Quadro 4 – Análise de dados –*come up* (4)

INFORMAÇÕES GERAIS	CONTEXTO EXPANDIDO
Date: 2017 (17-09-17) Title: Justin Verlander, Astros clinch AL West title Source: NEWS: The Detroit News	When the Astros traded for Justin Verlander less than three weeks ago, they envisioned days like this. # Verlander struck out 10 over seven innings in his first home start for Houston, Derek Fisher and Marwin Gonzalez homered in a big fifth inning and the Astros clinched the American League West with a 7-1 win over the Mariners on Sunday. # " The story is almost too good to be true, " manager A.J. Hinch said. " We trade for him for this exact reason to <i>come up</i> in big moments.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Neste excerto, que se refere ao, na época, recém-transferido arremessador de beisebol do Houston Astros, o PV *come up*, embora exiba seu sentido mais prototípico de “aparecer” – uma vez que a contratação do jogador se deu exatamente para que ele e suas qualidades técnicas aparecessem e viessem à tona “em grandes momentos do jogo” –, parece conceptualizar não só a ação de “aparecer”, como também, e ao mesmo tempo, a ação de “destacar-se”, adicionando, assim, conteúdo semântico à construção. Argumentamos, aqui, que a construção assume, em contexto, um valor mais metafórico, na medida em que percebemos um domínio-fonte, que, em termos concretos, estrutura o jogador, e um domínio-alvo, que estrutura o “troféu” ou “trunfo” a ser exibido ou usado em grandes momentos. Logo, associamos tal sentido da construção à metáfora MAIS ESTÁ PARA CIMA, no sentido de “o que está acima é mais visível, acessível e conhecido” (RUDZKA-OSTYN, 2003). Os esquemas de ESPAÇO CIMA-BAIXO, ESCALA, em termos de trajetória e de CONTÊINER, em termos de superfície, estruturam a metáfora, já que as estratégias postas em prática pelo respectivo jogador durante a resolução das situações devem ser visíveis no momento e espaço do jogo para aqueles que o assistem e o avaliam.

Por conta disso, o nível de composicionalidade de *come up* neste excerto não parece ser mais tão evidente, já que duas ações são integradas no sentido da construção. Se pensarmos no *continuum* de sentidos, o sentido da construção neste trecho estaria, então, mais afastado do pólo referente a sentidos básicos e composicionais.

Assim, com base nas ocorrências discutidas, notamos que é possível pensar nos sentidos vistos para o PV *come up* por meio de um gradiente que varia do mais composicional para o menos composicional ou mais idiomático, no qual teríamos a ocorrência 1 na extremidade mais composicional, as ocorrências 2 e 3 em uma zona de transição entre as extremidades, e a ocorrência 4 na extremidade mais idiomática (menos composicional). De modo a ilustrar tais achados, apresentamos, abaixo, uma representação em forma de gradiente para os sentidos anteriormente analisados de *come up*:

Quadro 5 – Níveis de gradiência do PV *come up*

+ <i>composicional</i>		+ <i>idiomático</i>	
<i>Come up to Oregon.</i> ”	<i>Come up in the conversation.</i> ”	<i>Come up dramatically.</i> ”	“ <i>Come up in big moments.</i> ”
Sentido prototípico	Sentido metonímico e metafórico	Sentido metafórico	Sentido metafórico

Fonte: Silva (2020).

A construção [V+ *down*]:

Assim como procedemos com a construção [V + *up*], apresentamos, agora, a análise do PV *put down*, escolhido para representar a construção [V + *down*]. No *Oxford Phrasal Verbs Dictionary for Learners of English* (2006), o PV *put down* apresenta as seguintes acepções: 1) aterrisar (avião); 2) criticar; 3) desembarcar (passageiros); 4) colocar (algo) sobre superfície inferior; 5) escrever, anotar; 6) fazer um depósito; 7) matar um animal; 8) interromper à força; 9) apresentar uma proposta para discussão.

Vejam os uma primeira ocorrência da construção:

Quadro 6 – Análise de dados -*put down* (1)

INFORMAÇÕES	CONTEXTO EXPANDIDO
<p>Gênero: ACADEMIC Data: 2015 Publicação: Winter2014, Vol. 51 Issue 4, p385-402. 18p. Título: HOW IS CONTEXTUALIZED SPELLING USED TO SUPPORT READING IN FIRST-GRADE CORE READING PROGRAMS? Autor: COOKE, NANCY L.; SLEE, JILL M.; YOUNG, CHERYL A.; Fonte: Reading Improvement</p>	<p>(...) As you show each word card, have children say the word, spell it, say it again, and spell it again. <i>Put down</i> the word card, but continue to hold up your hand as if holding the card. Have children mentally picture the word as they say and spell the word two more times.</p>

Fonte: elaborado pelas autoras.

A ocorrência acima, retirada de um trabalho acadêmico, diz respeito à atividade contextualizada de soletrar como instrumento de apoio à leitura em turmas de primeira série. Desse modo, o PV *put down*, em tal contexto, tem o sentido de parar de segurar algo, tendo em vista que, em determinada etapa da atividade desenvolvida com os alunos, o professor segura

um cartão contendo uma palavra.

Assim, associamos a construção em questão aos esquemas imagéticos de ESPAÇO CIMA-BAIXO e de ESCALA, em termos de trajetória, já que o movimento vertical de cima para baixo está naturalmente presente na ação de parar de sustentar algo nas mãos. Além disso, com base nos sentidos elencados por Rudzka-Ostyn (2003) para a partícula *down*, assumimos que, no contexto do exemplo acima, *down* indica o movimento do objeto ao ter sua posição deslocada de um local mais elevado para um local mais baixo.

Nesse sentido, observamos que tanto o movimento da ação indicada pelo verbo *put* – colocar, pôr, guardar – quanto a direcionalidade de movimento indicada pela partícula *down* são preservados na construção, fazendo com que o PV *put down*, nesse contexto, licencie uma leitura mais composicional, de modo que não se verifica relação metafórica nem metonímica envolvida na construção de tal nuance de sentido, que se apoia em um contexto comunicativo instrucional, mapeado pelo uso de atos de fala diretivos.

Vejamos mais uma ocorrência de *put down*:

Quadro 7 – Análise de dados *-put down* (2)

INFORMAÇÕES	CONTEXTO EXPANDIDO
Gênero: ACADEMIC Data: 2015 Publicação: Spring2015, Vol. 81 Issue 3, p44-51. 8p. Título: "Going Visiting": Reflections on Study Visits as an Instructional Method for Foreign Students Autor: Mäntykangas, Arja; Fonte: Delta Kappa Gamma Bulletin	The students' reactions to the examination format, which consisted of a report contrasting the library system in the student's own country and the system in the Swedish libraries visited as an expert, were positive: " When we write a report, we can think and <i>put down</i> our own ideas." One of the students commented,

Fonte: elaborado pelas autoras.

No excerto acima, o qual analisa relatórios escritos por estudantes comparando o sistema bibliotecário de seus respectivos países ao sistema bibliotecário sueco, o PV *put down* é usado com o sentido de “escrever”, “anotar”, “pôr no papel” – tal como pode ser observado na oração *put down our own ideas*.

Dessa forma, associamos ao PV *put down* aqui os esquemas imagéticos de ESPAÇO CIMA-BAIXO e ESCALA, em termos de trajetória, levando em consideração o movimento feito ao se escrever algo e a direcionalidade desse movimento de escrita, já que, para Rudzka-Ostyn (2003), um dos sentidos da partícula *down* se refere ao próprio movimento intrínseco às ações de escrever e comer. Em termos de domínio-fonte, temos a verticalidade, e em termos de domínio-alvo, temos a quantidade (produzida).

Além disso, no contexto em questão, em que temos relatórios como domínio,

identificamos a metáfora ontológica IDEIAS SÃO OBJETOS e a relação metonímica PARTE PELO TODO, em que as ideias são representadas metonimicamente pela informação escrita. Sendo assim, temos uma nuance de sentido do PV *put down* de uso mais idiomático e, conseqüentemente, menos composicional.

Analisemos mais uma ocorrência de *put down*, retirada do COCA:

Quadro 8 – Análise de dados -*put down* (3)

INFORMAÇÕES	CONTEXTO EXPANDIDO
Gênero: SPOKEN Data: 2017 (17-10-09) Título: Nature, Nurture, And Our Evolving Debates About Gender Fonte: Hidden Brain 12:00 AM EST	(...) Damore said the media took his statements out of context. His point, he said, wasn't to <i>put down</i> women or discourage them from entering tech.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Neste excerto, o PV *put down* tem o sentido de criticar, dado que o contexto diz respeito ao ato de criticar as mulheres que fazem parte do ramo tecnológico ou de desencorajar aquelas que pretendem ingressar no mesmo. Sendo assim, associamos a construção aos esquemas de ESCALA, em termos de trajetória, de ESPAÇO CIMA-BAIXO e de FORÇA, em termos de força contrária.

Ainda segundo Rudzka-Ostyn (2003), um dos sentidos da partícula *down* se refere à redução de intensidade, qualidade, quantidade, tamanho, grau, valor, atividade, status ou força. Assim, levando em conta a ocorrência acima, a trajetória física, espacial, indicada pela partícula se dá em um domínio abstrato, apontando, no contexto em questão, para uma redução de valor, a qual é atribuída por uma força externa, isto é, por quem faz as críticas. Em termos de domínio-fonte, tem-se a verticalidade (descendente) e em termos de domínio-alvo, a qualidade (também descendente), projetados um no outro com a contribuição do esquema de FORÇA (contrária).

Além disso, podemos também relacionar a metáfora orientacional BAIXO STATUS ESTÁ PARA BAIXO ao sentido da partícula *down* nesse caso, considerando que, do ponto de vista de quem critica, se algo está ruim ou não está bom o suficiente, está abaixo da qualidade, do valor, e, conseqüentemente, do status esperados, por exemplo. Nesse domínio de relações de trabalho, podemos recuperar também a metáfora ontológica A SOCIEDADE É UM ORGANISMO – na qual a sociedade é tida como uma entidade suscetível ao sofrimento, ao adoecimento e à vitimização, assim como um organismo ou um ser animado (FELTES, 2007).

Dessa forma, com base na análise da ocorrência em questão, vemos que o PV *put down* já assume aqui um sentido mais metafórico.

Abaixo, temos mais uma ocorrência com o PV *put down*:

Quadro 9– Análise de dados –*put down* (4)

INFORMAÇÕES	CONTEXTO EXPANDIDO
<p>Gênero: MAGAZINE Data: 2017 (17-01-03) Título: Special Report: Inside the Sickening World of Puppy Mills Fonte: RollingStone.com</p>	<p>(...) In Pennsylvania, two breeders shot 80 Shih Tzus and cocker spaniels rather than provide veterinary care. (Many millers prefer small breeds now; they're popular in cities, sell for top dollar, and are cheaper to feed, house and ship.) In Kansas, a breeder had to <i>put down</i> 1,200 dogs after failing to inoculate them for distemper. #</p>

Fonte: elaborado pelas autoras.

Na ocorrência acima, que versa sobre criadores de cães, o PV *put down* tem o sentido de matar, sacrificar, abater, já que os profissionais, ao falharem em fornecer os cuidados necessários, abatem os animais doentes. Dessa maneira, levando em conta o contexto em questão, associamos a construção aos esquemas de ESPAÇO CIMA-BAIXO, ESCALA, em termos de trajetória, e de FORÇA, em termos de bloqueio, uma vez que há um bloqueio na vida desses animais, a qual é tirada, por uma força externa a eles, ou seja, pela ação de seus criadores.

Percebemos, também, que há uma relação metafórica entre tais esquemas no domínio da criação de animais, uma vez que o sentido do PV *put down*, no contexto acima, parece ter sua leitura guiada pelas metáforas orientacionais DOENÇA E MORTE ESTÃO PARA BAIXO e SER SUBMETIDO A CONTROLE OU FORÇA ESTÁ PARA BAIXO.

Assim, em termos de gradiência, a ocorrência 1, tal como vimos acima, estaria na extremidade mais composicional do gradiente, ao passo que as ocorrências 2, 3 e 4 *estariam* dispostas próximas à extremidade mais idiomática. Abaixo, temos representado o gradiente para tais sentidos de *put down*:

Quadro 10- Níveis de gradiência do PV *put down*

+ composicional		+ idiomático	
“Put down the word card.”	“Put down our own ideas.”	“Put women.” down	“Put down 1,200 dogs.”
Sentido prototípico.	Sentido metonímico e metafórico.	Sentido metafórico.	Sentido metafórico.

Fonte: Silva (2020).

Dessa forma, com base na análise implementada neste artigo, argumentamos que as construções [*V + up*] e [*V + down*], aqui instanciadas pelos PVs *come up* e *put down*, respectivamente, assume sentidos tanto composicionais quanto idiomáticos, evidenciando nuances de sentido que podem variar entre usos mais concretos, de ancoragem dêitico-espacial ou temporal, a usos mais abstratos, cuja extensão semântica pode ser explicada pelas relações

metonímicas ou metafóricas que a construção assume em diferentes contextos, codificando, no verbo frasal, mais de uma ação ou evento.

Considerações finais

Buscamos, neste trabalho, analisar de maneira pontual a questão da composicionalidade dos verbos frasais *come up* e *put down* em seus diferentes sentidos e contextos. Utilizando ocorrências reais de uso das construções *[V+ up]* e *[V+ down]*, retiradas do COCA, defendemos a possibilidade de haver um *continuum* de sentidos em que se possa dispor as diferentes acepções de *come up* e *put down*, dando conta de possíveis aproximações e distanciamentos entre elas no que diz respeito à composicionalidade e/ou à idiomaticidade/metaforicidade nelas presentes.

Apesar de termos analisado apenas quatro ocorrências de cada PV devido ao espaço limitado, pudemos perceber que, embora em algumas ocorrências o sentido do PV em questão seja mais prototípico e concreto – isto é, mais composicional, já que o sentido do todo deriva dos sentidos individuais de suas partes –, há casos em que tanto aspectos de composicionalidade quanto aspectos de idiomaticidade parecem estar presentes.

Em outras palavras, apesar de traços de composicionalidade serem recuperados contextualmente por sua ancoragem dêitica, há também processos metonímicos ou mesmo metafóricos, que se estruturam intra e entre domínios conceituais, por relações de contiguidade ou de similaridade (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; LAKOFF & TURNER, 1989). Acreditamos, porém, que a presença de traços de composicionalidade em construções que já apresentam aspectos de metaforicidade e idiomaticidade é natural, uma vez que a mudança de um estágio para o outro, isto é, do mais composicional para o menos composicional e mais idiomático, acontece de maneira gradativa e, sobretudo, calcada no contexto de uso, mapeado pelos participantes da cena comunicativa.

Além disso, argumentamos que os usos mais ancorados nas dêixis espacial ou temporal exibem uma única ação/evento e, dessa forma, têm uma interpretação mais orientacional, sendo construídos de forma mais objetiva. Os usos mais idiomáticos, por sua vez, integram mais de uma ação/evento, que só podem ser recuperados por relações de extensão semântica, seja por processos metonímicos ou metafóricos, revelando processos de maior (inter)subjetividade em sua conceptualização, licenciados na díade falante/interlocutor (TRAUGOTT; DASHER, 2005).

Assim, a construção *[V] + up* conceptualiza um movimento ao longo de uma escala, seja ela espacial, temporal, quantitativa ou qualitativa, ascendente, a exemplo de “Come up to

Oregon”, cujo significado prototípico (de ancoragem dêitico-espacial) constitui a base para os demais sentidos estendidos. Um segundo significado se caracteriza por um movimento, também ao longo de uma escala espacial, ou temporal, ou quantitativa ou qualitativa, ascendente, até um limite máximo ou total, como em “Come up in big moments”.

Já no caso da construção [V] + down, temos um significado constituído por um movimento ao longo de uma escala, seja ela espacial, temporal, quantitativa ou qualitativa, descendente, a exemplo de “Put down the word card”. Um segundo significado possível para a construção é o movimento ao longo de uma escala espacial, ou temporal, ou quantitativa ou qualitativa, descendente, até um limite mínimo ou zero, como em “Put down 1200 dogs”.

Referências

ALMEIDA, S. A. F. **Subjetividade e intersubjetividade**: as construções completivas epistêmicas em inglês. 2010. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BERBER SARDINHA, A. P. Linguística de Corpus: histórico e problemática. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

DAVIES, M. **The Corpus of Contemporary American English**: 1990. Disponível em: <http://corpus.byu.edu/coca/>. Acesso em: 17 de julho de 2018.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2016.

FILLMORE, C. J. Innocence: a second idealization for linguistics. **Proceedings of the 5th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1979. p. 63-76.

FILLMORE, C. J.; KAY, P. Grammatical constructions and linguistic generalizations: the What's X doing Y? construction. **Language**, [S.l.], v. 75, n. 1, p. 1-33, 1999.

GOLDBERG, A. **Constructions**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work**: The nature of Generalization in Language. New York: OUP, 2006.

JOHNSON, M. **The Body in the Mind**: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, R. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

LEECH, G.; SVARTVIK, J. **A Communicative Grammar of English**. Essex: Longman Group UK Limited, 1975.

McENERY, T.; HARDIE, A. 2012. **Corpus Linguistics: Method, Theory and Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

OXFORD. **Oxford Phrasal Verbs Dictionary for Learners of English**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

OXFORD. **Oxford Basic English Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

PIEROZAN, S. K. M. **A metaforicidade dos *phrasal verbs* constituídos por *up* e *down*: uma investigação sob a ótica da semântica cognitiva**. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2015.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S. **A University Grammar of English**. Essex: Longman Group UK Limited, 1973.

RUDZKA-OSTYN, B. **Word Power: phrasal verbs and compounds**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

SILVA, N. R. **Os *phrasal verbs* sob uma perspectiva cognitivista: composicionalidade e metaforicidade**. 2020. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

TAGNIN, S. **O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Disal, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

VAN TRIJP, R. A Comparison between Fluid Construction Grammar and Sign-Based Construction Grammar. **Constructions and Frames**, v. 5.1, p. 88-116, 2013.

Sobre as autoras

Natália Regina da Silva (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0841-7797>)

Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); bacharela em Letras-Tradução/Inglês pela mesma instituição.

Sandra Aparecida Faria de Almeida (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-1311-7510>)

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); mestra em Letras-Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); graduada em Letras - Bacharelado em Tradução - Português/Inglês e em Letras - Licenciatura em Português, Inglês e Italiano pela mesma instituição. É professora do Curso de Letras - Bacharelado em Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF.

Recebido em julho de 2020.

Aprovado em setembro de 2020.